



Artigo

Mídia: Revista
Autor: Rezende, Eron
Edição: 188 - 06/11/11
Página: 18 - 24
Fonte: Revista Muito

A ARTE DA CARNE

Muito apresenta quatro artistas contemporâneos da Bahia que se destacam como herdeiros da tradição do uso do corpo como plataforma, da qual extraem linguagem e reflexão.

De todas as formas, o corpo. Desde que Praxíteles, considerado um dos maiores artistas da Grécia Antiga, esculpiu a deusa do amor, Afrodite, em uma mistura de doçura e caráter insinuante, a matéria do homem é terreno para a arte. Na tentativa do registro, ligam-se ícones de épocas e interesses distintos - Leonardo da Vinci (“não é possível entender sua obra sem levar em conta seu fascínio pelas formas humanas”, escreve E.H. Gombrich no livro História da Arte), Modigliani (que revolucionou o retrato ao pintar figuras femininas no início do século 20), Lucien Freud (o artista-biólogo, como ele se classifica). Um olhar para o umbigo, desses que nos localiza no tempo e lugar, revela a plataforma vital. “Na arte brasileira, essencialmente a produzida na Bahia, o corpo foi o caminho para mapear e compreender o espaço”, diz o professor de História da Arte da UFBA Luiz Ribeiro Freire. Mirando a janela e o outro, estão as imagens que ora apontam para o trabalho de Mario Cravo Neto, ora para as

pinturas, murais e relevos de Carybé, o argentino baiano.

Nas próximas páginas, Muito apresenta quatro nomes da arte contemporânea produzida na Bahia que são herdeiros da tradição. Fábio Magalhães, Danilo Barata, Ana Verena e Nicolas Soares, por meio de múltiplos estilos e plataformas, exacerbam a exibição do corpo para extrair dele a linguagem e a reflexão. Diluído, contudo, o território e a tentativa de entendê-lo, há o particular, orgânico e visceral. Olhos novos para o corpo.

Fábio Magalhães, FRAGMENTOS

“É possível falar de arte sem falar de corpo?”, pergunta-se Fábio Magalhães, 28, enquanto calcula os movimentos pela minúscula sala de seu apartamento-ateliê. Remoendo referências, dispõe suas telas gigantes - pinturas a óleo que chegam a medir dois metros - e as observa. “É pelo corpo que começamos a perceber o mundo”.

Nas telas, pintadas com rigor fotográfico, partes do próprio corpo de Fábio estão ensacadas, asfixiadas, talvez. Em Próximo segundo, título de uma delas, vemos a cabeça e o olhar fixo atrás do plástico. O processo, ele explica, costuma demorar

em média um mês. Primeiro, com auxílio do disparo automático da câmera, tira fotos do seu corpo, na posição e cena pretendidas. Depois, passa para tela, atribuindo cores e nuances através da pintura.

Agrupadas na série intitulada O Grande Corpo, as imagens foram expostas em salões de arte de Salvador (no Museu de Arte Moderna - MAM), Fortaleza, Curitiba e, mais recentemente, Aracaju. Nesta última, Fábio conquistou o prêmio do júri e do público. “É estranho quando as pessoas gostam”, diz, apontando para a tela Dos Lugares que me prendem, na qual pregos perfuram os dedos de sua mão (para simular o ato com precisão, Fábio utilizou sangue humano trazido por um amigo enfermeiro).

Estranho ou não, o fato é que Fábio tem agrado. “Ele é um desses artistas que a gente quer estar sempre por perto, para acompanhar e conversar sobre arte”, diz a curadora gaúcha Gabriela Kremer Motta, uma das responsáveis pelo mapeamento de novos artistas para a edição atual do programa Rumos Artes Visuais, do Itaú Cultural, que selecionou 45 nomes de todo o Brasil, entre eles Fábio. “Ele tem um trabalho que impressiona tanto pela sua capacidade de mimese, quanto pelo seu potencial abstrato. E

Fábio Magalhães, fragmentos

“É possível falar de arte sem falar de corpo?”, pergunta-se Fábio Magalhães, 28, enquanto calcula os movimentos pela minúscula sala de seu apartamento-ateliê. Remoendo referências, dispõe suas telas gigantes - pinturas a óleo que chegam a medir dois metros - e as observa. “É pelo corpo que começamos a perceber o mundo”.

Nas telas, pintadas com rigor fotográfico, partes do próprio corpo de Fábio estão ensacadas, asfixiadas, talvez. Em Próximo segundo, título de uma delas, vemos a cabeça e o olhar fixo atrás do plástico. O processo, ele explica, costuma demorar

em média um mês. Primeiro, com auxílio do disparo automático da câmera, tira fotos do seu corpo, na posição e cena pretendidas. Depois, passa para tela, atribuindo cores e nuances através da pintura.

Agrupadas na série intitulada O Grande Corpo, as imagens foram expostas em salões de arte de Salvador (no Museu de Arte Moderna - MAM), Fortaleza, Curitiba e, mais recentemente, Aracaju. Nesta última, Fábio conquistou o prêmio do júri e do público. “É estranho quando as pessoas gostam”, diz, apontando para a tela Dos Lugares que me prendem, na qual pregos perfuram os dedos de sua mão (para simular o ato com precisão, Fábio utilizou sangue humano trazido por um amigo enfermeiro).

Estranho ou não, o fato é que Fábio tem agrado. “Ele é um desses artistas que a gente quer estar sempre por perto, para acompanhar e conversar sobre arte”, diz a curadora gaúcha Gabriela Kremer Motta, uma das responsáveis pelo mapeamento de novos artistas para a edição atual do programa Rumos Artes Visuais, do Itaú Cultural, que selecionou 45 nomes de todo o Brasil, entre eles Fábio. “Ele tem um trabalho que impressiona tanto pela sua capacidade de mimese, quanto pelo seu potencial abstrato. E

tudo isso através da pintura sobre tela, um suporte com 500 anos de idade”.

Natural de Tanque Novo, cidade a 800 km de Salvador, Fábio já maneja argila e fez escultura. Prestes a concluir o curso na Escola de Belas Artes da UFBA, em 2007, achou que a pintura realista era o caminho. Com as tintas, veio o tema. “O corpo surgiu como forma de exorcizar momentos da minha vida. Em todas as telas, há sempre um estopim provocado por algo que vivi”.

Da necessidade de partir de si mesmo, emerge o novo trabalho, que terá apresentação em 11 de novembro de 2011, em uma exposição conjunta no salão de São Luiz, em São Paulo. Batizada de Retratos Íntimos, a série de telas começa no açougue ao lado, onde Fábio compra vísceras de porco (“são as que produzem uma estética melhor”, garante). Seguindo seu processo, entre fotos e tintas, registra as carnes. Em uma das telas, atribui formas de coração humano. Em outras, um pouco de cérebro, braço, e o que o olho do espectador permitir. Preferindo deixar a recepção aberta, diz que a carne tem “esse poder fabuloso de metamorfose e comunicação”, e repete o gesto, apontando para as telas. “Está tudo aí. Muito de mim e um pouco de todos”.

Fábio Magalhães é a imagem-autoretrato de, da série O Grande Corpo. “Muito de mim e um pouco de todos”.